

LEITURAS ILEGÍTIMAS, PRÁTICAS REAIS

Verena Santos Andrade Ferreira (Pedagoga/IFBA)

RESUMO

Compreendendo que lugares sociais distintos produzem diferentes relações com a cultura escrita, investigamos as experiências de leitura dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por reconhecer que essa modalidade de educação reúne sujeitos das camadas menos favorecidas da sociedade, mas a todo tempo interagem com as mensagens escritas que circulam no espaço social. O estudo foi realizado nos eixos VI e VII que fazem equivalência com o ensino médio regular, numa escola de médio porte da rede pública da Bahia, cujos dados foram obtidos através de entrevistas individuais com os estudantes, no intuito de conhecer as suas práticas de leitura, as circunstâncias e condições em que são desenvolvidas, os suportes e gêneros comumente utilizados e as impressões produzidas por aquelas. Tal estudo revela a necessidade de ressignificar as formas de apropriação da cultura escrita pelas camadas mais empobrecidas da sociedade, da qual a EJA é um exemplo pontual.

Palavras-chave: Práticas de leitura; Letramento; Educação de Jovens e Adultos.

Introdução

Ao longo de sua história, a leitura foi delineada com a ótica do pensamento dominante, aliás, classe com a qual esteve alinhada até ver necessária a sua democratização. Com a moldura do pensamento hegemônico, leitura importa formação intelectual, lazer, emancipação, subversão e... dominação. As múltiplas faces e facetas dessa atividade, a princípio tomada apenas em seu aspecto de decodificação, implicam diferentes tipos de leitores, constituídos em seus referentes culturais e sociais.

Com a democratização da competência da leitura como bem cultural – através da escolarização e dos programas de alfabetização – para atender a um projeto de sociedade que aspirava à condição moderna, capitalista e burguesa, os sinais gráficos se proliferaram pelos espaços sociais e grupos menos favorecidos foram chamados a participar da prática da leitura.

Essa perspectiva traz para os arredores da leitura o leitor não apenas como produtor do sentido do texto, mas também, como sujeito de classe, cujo sentido que elabora traduz suas condições de existência. A esse respeito, Barbero (1995, p. 44) diz: “ainda que tenha fracassado o socialismo real, é indubitável que a análise de classe continua sendo

uma análise fundamental para entendermos nossas sociedades”. Nesse entendimento, o autor acrescenta que a recepção “é um modo de interagir não só com as mensagens, mas com a sociedade (...)” (ibidem, p.58), pois essa interação depende do lugar social ocupado pelo sujeito, o que de certa forma direciona e fomenta as práticas de leitura dos grupos sociais: quais os textos lidos e as circunstâncias e finalidades dessa leitura.

Reconhecendo que lugares sociais distintos produzem relações diferentes com a cultura escrita, nasceu o interesse em conhecer as concepções e experiências de leitura dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade específica de educação, constituída por pessoas que não estão em conformidade com a idade regular prevista pelo sistema de seriação do ensino. A escolha por esse universo deveu-se ao fato desta ser composta por sujeitos de baixo poder aquisitivo, que já conhecem a técnica da decodificação e atuam no cenário social, quer na economia, cultura ou política, e, portanto, interagem com os materiais escritos em diferentes circunstâncias da vida cotidiana, incluindo o ambiente escolar.

Para conhecer tais experiências, foram realizadas entrevistas narrativas com 15 sujeitos de ambos os sexos e idades entre 22 e 38 anos, discentes de uma escola de médio porte da rede estadual da Bahia, dos eixos VI e VII, que correspondem ao ensino médio regular, cujo tema central versou sobre a atividade leitora dos entrevistados, suas concepções, dificuldades, estímulos e experiências. Além dos depoimentos e da análise do material produzido pelos alunos, foram distribuídos questionários entre os docentes que ministravam aulas naqueles eixos, objetivando conhecer suas concepções de leitura e o olhar sobre os trabalhos desenvolvidos em sala de aula, fazendo o contraponto entre as falas e os cadernos dos alunos com as respostas dos professores.

Esse texto traz um recorte desse trabalho, tratando das leituras que os estudantes da EJA realizam fora do espaço da escola, evidenciando quais as práticas de leitura desenvolvidas por essas pessoas em suas vidas cotidianas e como se dá a relação com a cultura escrita.

A face pragmática da leitura

A maioria dos estudantes entrevistados iniciava as suas falas declarando que não “lia nada”, apesar de estarem inseridos num ambiente escolar. Tal afirmação encontra sua explicação no fato de, no ambiente escolar, a leitura ter sido relacionada ao desempenho

nas atividades avaliativas, como forma de alcançar o almejado término da escolarização básica, mais que atividade de compreensão e intervenção na realidade e de constituição de suas identidades. Mesmo assim, sabem que, historicamente, a leitura está relacionada ao trabalho intelectual, e em razão disso, desqualificaram suas práticas leitoras, decorrente da valorização da leitura de instrução, representada pelos livros científicos e jornais, e da leitura de entretenimento, através da literatura.

Mesmo assim, as práticas que não são reconhecidas pelos padrões hegemônicos de leitura continuam a existir, imprimindo suas marcas em determinados grupos sociais. No decorrer das entrevistas, os estudantes da EJA foram dando pistas do que constituía aquele “nada” a que se referiram e quais relações estabeleciam com os suportes de leitura em suas práticas sociais, que se aproximam do que Poulain (2004, p. 33) chama de “lecturas ilegítimas”, ao se referir às leituras desprestigiadas pela cultura erudita.

A leitura, enquanto prática geradora de sociabilidades, também se constitui em espaço social e, desse modo, deve ser analisada e compreendida a partir do entorno onde é produzida, como forma de expressão da identidade de um sujeito ou de uma coletividade. As leituras citadas pelos entrevistados são as que fazem parte de seus contextos de socialização, ou seja, que as suas condições históricas lhes favoreceram o acesso e a partir deles empreendem determinados modos de ler próprios das conjunturas sociais em que se dá a apropriação da matéria escrita.

Tomando por base o binômio leitura e erudição, alguns pesquisadores falam em crise da leitura, questão sobre a qual assim se posiciona Márcia Abreu (2003, p.40): “aqueles que apregoam a crise da leitura não pensam na leitura em geral, e sim na leitura de certo tipo de livros – aqueles que formam a tradição erudita nacional e internacional”. No entanto, tal crise não é exclusiva das classes menos favorecidas, embora a autora, ao analisar os dados da pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”, edição de 2001, aponte uma relação ascendente entre escolaridade e classe social com posse de livros e hábitos de leitura.

Poulain (2004) elenca os tipos de leitura segundo os seus “efeitos”, apoiada em estudos de pesquisadores norte-americanos, Douglas Waples e Bernard Berelson: leitura do tipo instrumental, relacionada a finalidades práticas; a leitura de prestígio, relacionada à autoafirmação das opiniões; a do tipo de reforço, relacionada à mudança de opinião ou

sentimento; a de efeito estético, em que o prazer do texto é a única expectativa e, por fim, a de distração, cuja finalidade, segundo o autor, é esquecer as tensões.

A grande maioria dos entrevistados revelou, imediatamente, a face instrumental em suas apropriações da leitura. Ao serem indagados sobre suas experiências de leitura, logo as relacionaram às exigências da vida cotidiana: ler o rótulo de um produto, *outdoor* ou faixa nas vias públicas, panfleto divulgando produto ou serviço, manual de trabalho cuja leitura facilita a interação entre sujeito e objeto, recibos de pagamento, entre outros.

Os seus atos de leitura são orientados pelas situações práticas que se impõem aos cidadãos na contemporaneidade. Nesse tipo de leitura, não há empenho de vontade ou valores e significações que *a priori* determinam a leitura através dos livros. São práticas voltadas para o fazer cotidiano e podem ser assim classificadas como leituras instrumentais, aquelas que encerram em si uma finalidade prática e momentânea.

Mas não foram apenas as leituras exigidas pela vida prática que foram citadas pelos entrevistados. Mencionaram outros suportes de leitura, a exemplo das revistas, demonstrando que suas atividades de leitura vão além do fazer habitual. Novamente, as respostas acerca dessas leituras não se desvincularam da vida cotidiana. No entanto, em relação a tais suportes, o gênero interfere nas escolhas: logo, dois padrões de respostas foram observados.

Os entrevistados do sexo masculino responderam se interessar pelas revistas se nelas estivesse exposta alguma reportagem sobre esportes ou veículos automotores. As mulheres mencionaram as reportagens cujos assuntos estejam relacionados a artistas e novelas, revelando essa leitura como desdobramento do tempo investido na televisão, especialmente naquele tipo de programação, preferência do público feminino. Ainda nas revistas, um gênero textual destacado por algumas das entrevistadas foi o horóscopo, cuja leitura, segunda elas, se justifica pela curiosidade em “saber” o futuro.

Sem adentrar no mérito de suas programações, a televisão consegue não só manter milhões de telespectadores diante de suas telas, como transformar muitos desses telespectadores em leitores: mais próxima dos universos culturais e esquemas práticos dos entrevistados, acostumados à cultura oral e ao recurso visual, contrariamente à leitura, que exige do leitor maior esforço de compreensão e concentração.

Quanto ao acesso às revistas, algumas entrevistadas declararam adquiri-las ou tomarem por empréstimo, enquanto entre os homens o acesso é ocasional, quando se “deparam” com elas. Decorre daí duas conclusões: primeiro, na prática de empréstimos cria-se uma rede de sociabilidades entre as mulheres; segundo, tais leituras têm certo valor a ponto de justificar a compra do exemplar. Por sua vez, também não acontecem de modo frequente, mas eventual, embora pareçam fazê-las com apreço. Sem nenhuma obrigação com o depois, é a leitura do aqui e agora, ou seja, não tem compromisso com a formação do sujeito, porém, nesse descompromisso, vai imprimindo as suas marcas nos leitores.

Apenas um estudante mencionou a leitura de jornais ou revistas com reportagens de cunho informativo, referindo-se às notícias, mesmo assim o fez de forma ocasional, ou seja, tal prática não faz parte de seus hábitos de leitura.

Os modos de ler empreendidos nas relações com esses suportes são peculiares ao contexto de suas apropriações, pois a maneira pela qual se lê um panfleto, uma revista de variedades ou informativa diferem da forma como se lê um artigo científico, por exemplo. No entanto, são aquelas leituras que conferem ao estudante da EJA estatuto de leitor, dentro do ambiente cultural onde são protagonistas.

Mais de uma década depois, os suportes de leitura até aqui citados pelos estudantes da EJA coincidem com o resultado da pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”, edição de 2001, quando, analisando os dados desse trabalho, Márcia Abreu (2001) verificou que os suportes mais citados pelos entrevistados atendem a uma função pragmática: cartazes ou folhetos de propaganda, primeiro lugar na pesquisa (85%), seguidos das placas de rua (84%) e letreiros de ônibus (78%); na sequência, vêm as revistas (75%), jornais (68%) e livros (62%).

Seja por questões históricas, políticas ou sociais, os entrevistados estabelecem outra relação com a leitura, mais pragmática que formativa, imediata, distante, portanto, de valores constitutivos da formação pessoal ou profissional, mesmo porque, geralmente ingressam no mercado de trabalho antes mesmo de concluírem a escolarização básica. Assim, constroem outras formas de interação com a cultura escrita, voltada para a satisfação das necessidades cotidianas, provocada pela proliferação dos sinais gráficos pelos espaços sociais.

Nas linhas e entrelinhas dos livros...

Por sua vez, os livros não ficaram totalmente esquecidos pelos estudantes. Alguns dos entrevistados também se referiram a eles, destacando-se a Bíblia, citada por sete estudantes dentre os quinze entrevistados. Segundo Lindoso (2004), a Bíblia é o *best seller* das editoras cristãs. Numa análise acerca da pesquisa “Retrato da leitura no Brasil”, edição de 2001, constata que “o estudo sobre hábito de leitura e consumo de livros no Brasil mostra claramente que a Bíblia, independentemente de sua versão, é o livro mais lido (ou possuído) no Brasil” (LINDOSO, 2004, p.100). É pertinente a ressalva feita pelo autor porque, em alguns momentos das entrevistas, a Bíblia foi citada como um objeto que se tem nas residências, não um livro que se lê. Assim, esse “livro possuído” é um bem simbólico de grande valor.

Em relação à leitura da Bíblia, constataram-se entre os entrevistados duas perspectivas distintas: quatro disseram lê-la quando procuram orientação ou consolo espiritual para os problemas, ou seja, leem o livro nos momentos de angústia; e três deles afirmaram que buscam na leitura da Bíblia a realização de um projeto de formação pessoal. Nesse último caso, tal leitura faz parte da inserção nas atividades da igreja, como forma de conhecer, segundo relato de duas entrevistadas, os “ensinamentos de Deus”. Mais recorrente entre as mulheres, tal leitura parece ocorrer com frequência e apreço.

A leitura da Bíblia imprime algumas especificidades quanto aos modos de ler. Segundo Certeau (1994), a leitura de textos religiosos produz certa passividade no leitor diante do texto, porque, a princípio, não pode ser questionada: é sacralizada. Assim, tal leitura instaura um modo de ler peculiar a esse projeto, que não admite questionamentos e preza pela obediência do leitor aos seus postulados.

A literatura também foi lembrada pelos estudantes da EJA, ou melhor, por duas entrevistadas. Analisando os dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF 2001), Márcia Abreu (2003) concluiu que as mulheres constituem o maior público leitor de romance, livros de aventura, policial e ficção. Frente a esses dados da pesquisa, a autora questiona se ainda se mantém, no imaginário social, a ideia construída no século XIX de que a leitura de textos literários leva à evasão e, portanto, mais próxima das mulheres, devido à sua “natureza” romântica.

Aliás, essa foi a explicação dada por duas estudantes para justificar o gosto pela literatura, somada à curiosidade em conhecer histórias de vidas alheias. Também responderam diferente de “não gosto de ler” ou “não leio nada”, contando terem lido um ou dois livros de literatura, o que mostra que essa prática permanece vinculada aos livros, e em especial, aos de literatura, mesmo quando a leitura acontece de forma restrita, como no caso dessas entrevistadas.

Elas não sabiam precisar o título do livro, tampouco o seu autor. Pelos relatos apresentados, supõe-se que falavam de *Capitães da areia*, de Jorge Amado e *A cabana*, de William Young. Os critérios de escolha da obra parecem aleatórios, dados em razão das circunstâncias: ou livro foi escolhido em função da capa, quando tirado da biblioteca da escola, ou por empréstimo de algum parente ou amigo, segundo os relatos apresentados. Aqui, vale uma ressalva: os livros não circulam amplamente no contexto familiar e social dos entrevistados, pois, quando questionados sobre as pessoas de seu convívio que costumavam ler livros, apenas dois deles responderam positivamente, citando uma pessoa cada um, mesmo assim, de forma evasiva, sem adentrar nas leituras realizadas por tais sujeitos.

O que interessava a essas leitoras era o conteúdo das narrativas, destacando o seu apreço pelas histórias de amor e de aventura, por trazerem o sofrimento das personagens, as intrigas e o final feliz. Este, segundo Paes (1990), contempla o sentimento de recompensa dos leitores. Por sua vez, essas leituras não são frequentes e trazem um ponto em comum: geralmente, são interrompidas. Embora demonstrassem curiosidade para saber o final da história, dificilmente liam o livro até a última página, ou deixavam de ler uma parte, porque, segundo os seus relatos, “o livro ficou chato”.

Os depoimentos acerca da experiência com a leitura de produções literárias trazem traços em comum quanto ao modo pelo qual os leitores interagem com os textos, segundo Lahire (2004, p.182, tradução nossa) quando trata da disposição ético-prática em oposição à disposição estética: “seu [classes populares] modo de leitura dos textos literários parecia-me especialmente revelador desta disposição ético-prática que supõe uma participação, uma identificação, uma inserção do texto nos elementos da experiência cotidiana passada ou presente”.

Ao falarem dos livros lidos e o que apreciaram nas histórias, as leitoras pareciam buscar nos textos vestígios de suas histórias, de modo a se reconhecerem na obra e atribuírem

sentido a ela, sem se importar com os aspectos intrínsecos à composição. Daí se pode concluir que, mesmo na leitura de textos ficcionais, há uma relação pragmática com a leitura.

Não mencionaram categorias como “personagens”, “enredo”, “estrutura narrativa”, deslocando o foco para a história contada e a relação de similaridade com o cotidiano. Desse modo, escapam a uma visão escolarizada da literatura, favorecendo que suas experiências sejam o ponto de referência para a apreciação de uma obra literária.

Segundo Lajolo (1998, p.33), “a leitura desejável não pode ocorrer a partir da identificação, mas, pelo contrário, deve favorecer o distanciamento que diverte e conscientiza”. Contudo, pelas **narrações feitas sobre a leitura**, tais leitoras buscam uma atividade de entretenimento, que não demande maiores esforços para compreensão da obra. Reconstruir suas visões de mundo a partir da obra não está entre as suas preocupações. Antes, a de “reviver” o texto, a partir da identificação com a história, de modo que, quando esse distanciamento é observado, a leitura é interrompida e considerada enfadonha.

A relação com a linguagem escrita em construções mais longas ou complexas, que requer algumas habilidades do leitor, é outra questão que se coloca entre o texto e o seu interlocutor. Os estudantes da EJA não estão habituados à leitura de textos longos, a exemplo dos gêneros narrativos como os romances. Estão familiarizados com a linguagem escrita de cunho apelativo ou instrutivo, textos com frases curtas, como rótulos de produtos e letreiros de ônibus. Mesmo na escola, há preferência por textos curtos – conforme respostas dos professores aos questionários aplicados, considerando que os sujeitos da EJA **dispõem de pouco tempo para as atividades escolares, em decorrência das obrigações cotidianas** – e de fácil compreensão, para facilitar o aprendizado e talvez o desempenho nas atividades avaliativas.

Tal preferência revela o caráter pragmático que a leitura comumente tem adquirido junto às classes populares, o que inclui a EJA e remonta ao início do processo de democratização do ensino, quando era preciso formar sujeitos capazes de interagir com os textos escritos e preparar mão de obra para o mercado de trabalho, conforme os estudos Zilberman (2001) sobre a formação da leitura no Brasil, o que reforça a concepção elitista de leitura junto a esse segmento social, exequível apenas a uma minoria que dispõe de mais condições sociais e pedagógicas de acesso à cultura escrita.

As operações cognitivas e de memória, necessárias à leitura e compreensão de um texto que requer o ordenamento de um maior número de ideias para ser significado, constitui tarefa pouco familiar às habilidades textuais e estratégias de leitura dos entrevistados. A esse respeito, tratando dos leitores pouco assíduos ou pouco acostumados aos livros, Lahire afirma:

(...) pois há dificuldades de manuseio linguístico e estilístico: o código linguístico é a primeira barreira que muitos encontram para acessar o livro, já que depende do tempo investido na leitura de textos de léxico e sintaxe complexos; o segundo obstáculo são as questões que esses textos desenvolvem, as experiências a que se referem, já que sua apreensão por parte do leitor depende de patrimônios de disposição incorporados em função de experiências sociais anteriores. Evidentemente, às vezes, ambos os tipos de obstáculos se combinam, mas não de forma sistemática (...). (LAHIRE, 2004, p. 186, tradução nossa).

Além dos livros de literatura citados pelas duas estudantes, outro entrevistado contou ter lido um livro de autoajuda do Pe. Jonas Abibb, tomado por empréstimo, de cujo título também não se lembrava, mas que gostou muito porque, segundo o leitor, tratava da vida, do dia a dia do ser humano. Também nessa leitura, observa-se uma relação pragmática com o livro, em que o cotidiano do leitor serviu de referência para a apreciação do texto. Apesar de ter gostado, esse livro foi o único que leu, porque, segundo ele, “falta estímulo” para a leitura. Tal afirmação chama a atenção para a restrita valorização da leitura como capital cultural e da pouca contribuição que as agências de fomento à leitura têm dado ao processo de constituição do leitor, especialmente os das camadas menos privilegiadas da sociedade.

No universo de quinze entrevistados, à exceção da Bíblia, cuja leitura passa por um projeto de formação religiosa, apenas três estudantes citaram outros tipos de livros – sejam eles da literatura clássica, popular ou de autoajuda – cujas leituras não são frequentes e por vezes interrompida. Ou seja, a leitura, na perspectiva da formação ou do lazer, não faz parte de forma efetiva da vida dessas pessoas.

Mesmo quando há um ato de vontade em direção à apropriação da cultura escrita, seja na perspectiva da formação ou do entretenimento, como no caso das leitoras citadas, esse ato se esbarra nas dificuldades de interação com o texto escrito que depende de repertórios cognitivos cuja construção não foi oportunizada, com sucesso, a essas pessoas.

Considerações finais

As leituras realizadas por esses estudantes da EJA centram-se principalmente naquelas atividades exigidas pela vida cotidiana, de uso efetivo da tecnologia da escrita – possível graças ao domínio da tecnologia da escrita que, segundo Soares (2003), abrange o conjunto de técnicas necessárias à prática da leitura – e fazem parte das situações de letramento da vida desses sujeitos, ou seja, constituem as situações em que se apropriam da escrita com vistas a determinados fins, no caso, realizar as tarefas habituais. No entanto, há outras formas de letramento que podem ser descobertas por esses sujeitos.

Sabe-se que a leitura está relacionada ao trabalho intelectual, porém, a prática acontece segundo a forma como foi delegada às classes menos favorecidas: interagir com a sociedade grafocêntrica, pois é, sobretudo, a partir dessa função que a leitura ganha sentido na vida das pessoas desses segmentos sociais. Romper com essa realidade histórica, eis o desafio que se apresenta à sociedade como um todo, que deve convergir esforços das diferentes agências que se ocupam da democratização da cultura escrita.

A constituição do leitor é um processo histórico, dinâmico e dialético em que se trava uma disputa “simbólica” de poder, cuja participação das instâncias mediadoras da leitura é de fundamental importância. Bem verdade que a escola não é a única instância social mediadora da leitura, mas é a que está mais próxima da realidade dos sujeitos da EJA, daí, vê-se aumentada a sua importância e responsabilidade na constituição desse leitor em especial.

No âmbito educacional, há de se pensar em práticas pedagógicas e condições de trabalho que insiram a leitura como atividade de formação do sujeito e que lhes oportunize as ferramentas adequadas de acesso e interação com a herança cultural da humanidade, para que muitos sujeitos não tenham, por suas condições históricas, esse direito negado. Por sua vez, esse é um trabalho longo, árduo e requer investimento e compreensão da importância da disseminação da leitura como atividade de formação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Os números da cultura. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003.

ABREU, Márcia. Diferentes modos de ler. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Mesa-redonda**. Campo Grande: 2001. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em 25 de maio de 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retrato da leitura no Brasil**. São Paulo: 2001. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pdf>. Acesso em 15 de janeiro de 2011.

LAHIRE, Bernard. **Sociología de la lectura**. Barcelona: GEDISA, 2004.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?** Política para a cultura/Política para o livro. São Paulo: Summus, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes. Trad. Sílvia Cristina Dotta e Kiel Pimenta. In: SOUSA, Mauro Wilton (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PAES, José Paulo. **A aventura literária: ensaios sobre ficção e ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

POULAIN, Michel. Entre preocupaciones sociales e investigación científica: El desarrollo de sociologias de lectura em Francia em siglo XX. In: LAHIRE, B. **Sociología de la lectura**. Barcelona: GEDISA, 2004.

SOARES, Magda Becker. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.